

CEDI - P. I. B.  
DATA 11 / 06 86  
COD. MTJ 10

MEGARON OPOI DJOI

*Versão preliminar*

AG 85

" Filho nosso aprendeu língua, ninguém engana nós."

RAONI - Metuktire

I) INTRODUÇÃO

II) HISTÓRICO

- Esclarecimentos iniciais
- A história Kayapó
- Situação atual
- O caso Metuktire

III) O PROJETO

- Objetivos
- Programação de trabalho
- Considerações gerais

## INTRODUÇÃO

Este projeto pretende documentar e divulgar a história dos MetuKtire (Txucarramãe), tribo Kayapó localizada na região norte do Parque Indígena do Xingu - próxima aos limites setentrionais do estado de Mato Grosso do Norte - apoiando, através da circulação de vídeos e publicações, a sua luta pela sobrevivência cultural e política.

Os MetuKtire têm procurado manter-se em contato com os demais grupos Kayapó distribuídos pelo sul do Pará, articulando formas de resistência comum. A região, estratégica nos planos de expansão capitalista na Amazônia, é objeto da ação de corporações multinacionais, grileiros, garimpeiros e grupos privados nacionais, interessados na exploração imediata dos seus recursos.

Em 1985, a equipe responsável pelo projeto foi convidada pelas lideranças indígenas para testar "in loco" as possibilidades de uso do vídeo-tape em benefício da comunidade.

Os MetuKtire, como boa parte dos grupos indígenas do Brasil, habituaram-se a conviver com os meios técnicos de captação de imagem desenvolvidos pela civilização: há anos vêm sendo filmados e fotografados por cinegrafistas, jornalistas e equipes de televisão do mundo inteiro. A imagem do índio tornou-se uma mercadoria com aceitação garantida nos grandes centros consumidores urbanos. A esse singular processo de espoliação, os Txucarramãe responderam, recentemente, através da cobrança de direitos sobre a utilização da sua imagem. Ao mesmo tempo, as lideranças do grupo resolveram empregar, a seu favor, os recursos audio-visuais.

Estivemos com os MetuKtire durante o mês de junho de 1985. Quando chegamos ao seu território, encontrámo-los em pleno processo de reunificação: as tribos de Raoni e Krumare, divididas desde a construção da estrada BR-080 em 1972, juntavam-se numa nova aldeia, próxima à desembocadura do Rio Jarina (tributário do Xingu).

Documentamos os momentos iniciais deste período, a abertura da floresta, o cotidiano do acampamento provisório, as reuniões na casa dos homens. Presenciamos a emoção do reencontro e as discussões sobre o futuro do grupo.

Diariamente, o material gravado - inclusive pelos próprios índios - era exibido pela televisão. Apresentamos também filmes abordando a situação de outras tribos indígenas e as notícias veiculadas durante os conflitos protagonizados pelos Metuktire em 1984. Estabelecemos formas coletivas de trabalho, com a participação direta dos índios na direção e execução das gravações.

Os líderes do grupo - Krumare, Raoni, Megaron e Kremoro - demonstraram interesse em desenvolver um trabalho mais abrangente, incluindo o acompanhamento de todo o processo de reunificação, o registro da história do contato com a sociedade nacional e o desenvolvimento de um programa de intercâmbio tribal. O projeto que se segue é resultado dos entendimentos mantidos entre nós.

## II - HISTÓRICO

### 1 - Esclarecimentos iniciais

Kayapó é a designação de uma tribo de língua Gê dividida em numerosos grupos que ocupam atualmente a região compreendida entre os rios Fresco e Itacaiunas (tributários do Xingu e do Araguaia, respectivamente), até o rio Jamanxim, e da rodovia Transamazônica até o norte do Parque Indígena do Xingu. Nesta área, localizada na parte meridional do Pará e no extremo Norte do Mato Grosso, distribuem-se quatorze aldeias, cuja população total é estimada em torno de 2.900 indivíduos.

O nome Kayapó é, provavelmente, tupi. Etimologicamente, segundo Terence Turner (1965) significa: Kaya:macaco; po:igual, parecido. Os 14 grupos em que se dividem nos dias atuais possuem nomes próprios. Estes, porém, não se baseiam num único critério, o que leva, não raro, à confusões. É que a partir do início do séc. XX os Kayapó dividem-se sucessivamente, e os nomes pelos quais serão conhecidas as novas tribos misturam designações atribuídas por outros Kayapó, autodenominações antigas ou atuais, nomes apenas preservados pela literatura etnográfica e nomes indicativos da localização das aldeias. Podemos relacionar os seguintes grupos: XiKrim (do Cateté e do Bacajã), Gorotire, MeKranoti, MetuKtire,<sup>1</sup> KubenKrãKein, KiKretum, AuKrê, KoKraimoro, PuKanu, Baú, Xixê, Kararaô e Iriri Novo.

Como a maioria das tribos de língua Gê, as aldeias Kayapó tradicionais são circulares. A casa dos homens (ngã) ocupa o centro de uma praça cercada por construções residenciais (KiKrê), domínio das mulheres. A casa dos homens é a base da sociedade Kayapó, o centro do seu universo social e político. No seu interior os homens se dividem em sociedades de homens (tchêt). As cições entre os Kayapó têm ocorrido, em geral, ao longo das linhas que delimitam as diversas tchêt.

---

1 - Mais conhecidos como TxuKarramãe, nome a eles atribuído pelos índios Juruna, do Xingu.

Durante a época anterior ao contato intensivo com os brasileiros, os grupos Kayapó eram semi-nômades: deslocavam-se pelo território tribal onde mantinham plantações em locais diferentes. Atualmente, a maioria dos grupos é semi-sedentária.

## 2 - A História Kayapó

Segundo as fontes bibliográficas existentes, os Kayapó ocupavam, por volta de 1800, a bacia do médio Tocantins. Somavam de 3.000 a 5.000 indivíduos<sup>2</sup> e habitavam duas ou três aldeias. Datam desta época seus primeiros contatos com a população brasileira, cujo caráter brutal os levou rumo ao oeste, atravessando o Araguaia.

Nas primeiras décadas do séc. XIX os Kayapó encontravam-se divididos em dois grandes grupos: os Pore-Kru situavam-se no curso superior do rio Itacaiunas. Os Goroti-Kumreitx estabeleceram-se nas margens do rio Pau d'arco. Desavenças entre as duas casas dos homens deste último grupo provocam a sua cisão, por volta de 1830/1840, em duas aldeias, cada uma com 1500 índios, aproximadamente. Uma delas, denominada Ira-amrayre, permaneceu no rio Pau d'arco. A outra, dos Gorotire, instalou-se mais a oeste, entre os rios Fresco e Xingu. (Mapa 1)

Vivendo nas fronteiras da floresta amazônica com o planalto central, os Kayapó encontravam-se entre dois fogos: de um lado os criadores de gado e os garimpeiros que vinham do Araguaia, e de outro os caucheiros, seringueiros e castanheiros que insistiam em invadir seu território subindo pelo rio Xingu.

Ao final do século passado os Ira-amrayre confraternizaram com a população de Santa Maria do Araguaia, vila de pequenos criadores de gado que contava com a presença de um missionário capuchinho. Passados alguns anos, outro missionário, Frei Gil de Villanova, criou uma missão perto do rio Pau d'arco destinada aos Kayapó. Atraiu até ela a população sertaneja da região, fundando um arraial, Conceição do Araguaia. Em consequência do convívio com a população neo-brasileira, os Ira-amrayre definharam rapida

---

2 - Segundo a estimativa de Gustaaf Verswijure, 1981.

mente: dos 1500 índios iniciais sobram pouco mais de 30 em 1940. A última sobrevivente morreu em 1960, entre os Gorotire.

Estes, graças à migração empreendida, tiveram melhor sorte. Instalados numa região menos vulnerável, resistiram aos ataques de caucheiros e seringueiros estimulados pelo surto da borracha. Por volta de 1900-1910, uma disputa entre dois chefes das duas casas dos homens Gorotire dá lugar a uma cisão: surgem os MéKranoti, que se deslocam ainda mais para o oeste, atravessando o rio Xingu. Foi o início de uma série de divisões, separações e reuniões de tribos e de aldeias que se prolonga até os nossos dias.

O território Kayapó deslocou-se para o oeste, pressionado pelas frentes de expansão. Iniciam-se então os ataques aos povoados brasileiros dos rios Curuá, Iriri, Jamanxim e Tapajós, que se prolongam até a década de 50, chegando a provocar o despovoamento desta região. Os MéKranoti atacam igualmente os Tapirapê, na margem esquerda do Araguaia, e os Juruna e Suyá, mais ao sul. Enquanto isso os Gorotire da margem oriental do Xingu estabeleciam relações pacíficas com os moradores de Nova Olinda, no rio Fresco, acampando em frente ao vilarejo. "Logo a quarta parte deles morreu de gripe. O primeiro contato com o álcool e a prostituição começou. Todos os esforços dos civilizados visaram sistematicamente a dissolver e esfacelar o bando o quanto antes" (Nimúendajú, 1940).

Outras iniciativas pacíficas dos Kayapó Gorotire e KubenKrãKein (cisão dos Gorotire ocorrida em 1936) foram recebidas a bala ou com tentativas de escravização. O Serviço de Proteção aos Índios (SPI),<sup>3</sup> órgão do Estado brasileiro destinado a assistir as comunidades indígenas, mostrava-se incapaz de intervir na situação. Escaramuças e massacres sucediam-se e o ódio que a população neo-brasileira dispensava aos "bichos" não encontra paralelo na história recente do Brasil.

O caráter crítico desse processo tem suas raízes na importância do território ocupado pelos Kayapó. A região, a última

---

3 - Fundado em 1910 por esforço do Marechal Rondon, o SPI tinha como objetivo proteger os índios contra atos de perseguição e opressão nas áreas pioneiras.

grande fronteira de expansão da sociedade nacional, assistia a um violento processo de compressão movido por exploradores de recursos florestais, garimpeiros e grileiros. A seriedade dos conflitos registrados determinou, em 1950, a constituição de uma comissão governamental destinada a elaborar um plano de pacificação das tribos hostis. Os Kayapõ eram prioridade absoluta. Em 1957 são contatados os KoKraimoro. Alguns meses depois noticiava-se a morte de 50% da tribo, vítima de epidemias. Em seguida os MeKranoti do Curuã e do Iriri são atraídos e o processo depopulativo se repete. O S.P.I., ao transferir os agrupamentos recém pacificados para lugares alheios a sua localização tradicional, facilitava a propagação de doenças letais. "O plano original de pacificação das tribos hostis do Pará é abandonado em benefício de uma tendência praticista que se orienta para a atração indiscriminada de quantos grupos tribais arredios ou hostis pudessem ser atingidos" (C. Moreira Neto, 1958). A desastrada pacificação destes índios é resultado de pressões econômicas e políticas feitas por grupos interessados na exploração imediata da região. O governo brasileiro os estimula abrindo linhas de crédito no Banco da Amazônia e planejando a construção de novas rodovias de acesso, como a Belém-Brasília.

Durante toda a década de 50 multiplicam-se as notícias de massacres e guerras de extermínio levadas a efeito contra os Kayapõ por seringueiros, especuladores e assemelhados. "Na verdade, em nenhuma outra parte do território nacional os conflitos inter-étnicos assumiram, modernamente, formas de hostilidade tão abertas ou disseminaram-se por regiões tão vastas". (C. Moreira Neto - 1958).

Apesar da invasão de suas terras, da depopulação, das compulsões ecológicas e sócio-econômicas, os Kayapõ resistiram. Em 1961 os MetuKtire, recém separados dos MeKranoti, passaram a viver no Parque Nacional do Xingú, criado naquele mesmo ano sob inspiração dos irmãos Villas-Boas.

Com o suicídio de Getúlio Vargas, o Brasil abandonara seu projeto nacionalista de industrialização. Mudanças fundamentais de estrutura ocorrem a partir da entrada em cena do Plano de Me-

tas e Bases de Juscelino Kubitschek, que altera substancialmente os padrões de acumulação, estabelecendo as condições para a proeminência econômica do capital oligopolista multinacional e associado. A "integração" do interior do país é uma das prioridades (Brasília é construída neste período).

A instalação do governo militar em 1964 consolida ainda mais as tendências vigentes. A penetração do capital monopolista, a internacionalização da economia brasileira, seguidas de acelerado desenvolvimento industrial e crescimento populacional, desdobram-se na abertura de vastos territórios ainda virgens à exploração capitalista. A "integração" da Amazônia é prevista através da sua ocupação por fazendas de gado, estimuladas por incentivos fiscais e tributários do Estado, aliados a obras de infra estrutura, entre as quais destaca-se a abertura de estradas.

O deslocamento das frentes de expansão sobre a Amazônia intensifica-se a partir de 1965. Dois anos depois o S.P.I. é dissolvido e no seu lugar é criada a Fundação Nacional do Índio, que deveria "harmonizar a defesa dos índios com os interesses do desenvolvimento econômico do país", segundo a fórmula eufemística empregada na época.<sup>4</sup> Na verdade, os índios são vistos como um obstáculo ao desenvolvimento e a FUNAI atuará por longo tempo como um mero instrumento dos "agentes do progresso".

Tem início um projeto geopolítico de transformação da Amazônia, promovido pelo Estado brasileiro apoiado pelo grande capital monopolista internacional e seus associados no Brasil. A agro-indústria e a exploração mineral são suas principais expressões.<sup>5</sup> A primeira tomou grande impulso a partir dos anos 70. Para isso contribuíram decisivamente vultuosos empréstimos tomados

---

4 - A partir de 1970 a FUNAI passa a conduzir-se de acordo com os objetivos estabelecidos pelo governo militar no Plano de Integração Nacional. Seguem-se pacificações maciças e desordenadas de várias tribos indígenas, destinadas a franquear seus territórios à passagem de grandes rodovias, causando-lhes sérios e permanentes danos. (Shelton H. Davis, 1977).

5 - Tal projeto previa ainda a instalação de potentes transmissoras e repetidoras de rádio-televisão com o sentido de "integrar" também ideologicamente a região.

ã instituições financeiras internacionais como o Banco Mundial e o BID, destinados a expandir a indústria da carne no Brasil, e o grande interesse das corporações multinacionais pela Amazônia. Estas, associadas a fazendeiros ou a grupos privados nacionais, adquiriram extensos latifúndios na região sul do Pará e em Mato Grosso. A drástica transfiguração da situação fundiária da região teve três consequências principais: invasão de diversos territórios tribais, devastação ecológica e agravamento das disparidades entre grandes e pequenos proprietários de terras, criando uma classe de trabalhadores agrícolas explorados, peões e posseiros.

A exploração mineral da Amazônia foi implementada a partir dos resultados fornecidos pela Companhia de Pesquisas de Recursos Minerais e pelo projeto RADAM,<sup>6</sup> que esquadriharam o solo e sub-solo da região a partir de 1970. O governo brasileiro fez investimentos maciços em obras de infraestrutura, como as rodovias Xavantina-Cachimbo (BR-080) que atravessou o Parque Nacional do Xingú, a Cuiabá-Santarém (BR-165) estendendo-se de norte a sul através da região Centro-Oeste, e a Transamazônica, com 5 mil Km, correndo de leste a oeste por toda a Amazônia. Em 1974 todas estas estradas estavam concluídas e planejava-se a construção de hidroelétricas, como Tucuruí, necessárias a exploração mineral industrializada em larga escala.

Para a nação Kayapó, os avanços da sociedade nacional traduziram-se em redução progressiva do território tribal, contágio por doenças, dependência econômica e política, e conflito aberto com as novas ondas de migração.

### 3 - A Situação Atual

No final dos anos 70 a situação dos índios Kayapó torna-se particularmente delicada. Empresas agro-pastoris invadem os domínios imemoriais da tribo confinando os índios às reservas dispersas por uma grande área. Os fazendeiros e os posseiros da re-

---

6 - O projeto RADAM, financiado pela Agencia Para o Desenvolvimento Internacional dos E.U.A. (US. AID) realizou um profundo levantamento aerofotográfico da Bacia Amazônica, apoiado inclusive por pesquisas e fotografias realizadas por satélites americanos.

gião eram estimulados por falsas titulações e pela dubiedade e lentidão da FUNAI na demarcação das terras indígenas.

Por outro lado, a conclusão da infra-estrutura básica para o desenvolvimento da região - finalização do mapeamento geológico, a construção das rodovias de acesso, Tucuruí, a implementação da mineração industrial na Serra dos Carajás, etc... - atraem novas levas de migrantes e corporações multinacionais.

A guerra movida pelos MetuKtire contra a instalação da fazenda Agro-pexim, em 1976, dentro da área ancestral do Kapoto, ao norte do Parque Nacional do Xingu, resulta na morte de 3 peões. A Agro-pexim, projeto aprovado pela SUDAM,<sup>7</sup> não era um caso isolado: várias fazendas no Mato-Grosso e no sul do Pará tinham projetos em instalação dentro de áreas sabidamente indígenas, contando, inclusive, com certidões negativas fornecidas pela FUNAI.

Os latifúndios agravam os problemas sociais da região, forçando os posseiros a invadir as terras dos Kayapó. Conseqüentemente, sobre eles recai a ação dos índios. Em 1980, ocorrem simultaneamente em três áreas Kayapó conflitos entre índios e neobrasileiros.

Os MetuKtire, em agosto de 1980, matam 11 peões que desmatavam o lado leste do seu território. Os Gorotire, ao emprenderem uma expedição de fiscalização, também na fronteira leste de suas terras, matam 20 brancos, empregados da fazenda Espadilha, com a qual estavam tendo uma série de problemas. Neste mesmo mês de setembro, Os XiKrim do Cateté saqueiam a sede de uma companhia madeireira que explorava o mogno de suas florestas.

A FUNAI prometera acelerar a demarcação definitiva das reservas Kayapó, mas pouco realizou de concreto. Vários conflitos ocorrem durante os primeiros três anos da década de 80, prin

---

7 - SUDAM - Superintendência para o Desenvolvimento da Amazônia, órgão inter-ministerial encarregado de implementar e executar a política de incentivos fiscais e distribuição de empréstimos estrangeiros na região, lançando as bases para a expansão das grandes corporações agro-industriais nacionais e multinacionais na Bacia Amazônica.

principalmente com garimpeiros e colonos no sul do Pará.

Os quatorze grupos da tribo em questão estão separados em seis reservas, distribuídas dentro de uma região estratégica (Mapa 2) nos planos de "integração" e "modernização" da Amazônia postos em prática nos últimos vinte anos, sendo esta a situação atual:

- Parque Kayapó - abriga os Gorotire, KiKretum, Kuben-KrãKein, AuKre e KoKraimoro. Sua primeira delimitação data de 1945, com a concessão de 898.000ha por parte do governo do Pará, posteriormente alterada, graças à mobilização dos índios, para 2,7 milhões ha. Em 1978, quando então os Kayapó já reivindicavam 3,3 milhões ha, garimpos instalaram-se na região. Em 1982 a FUNAI reconheceu os 3,3 milhões ha, mas somente agora, em março de 1985, após mais um conflito - o fechamento do garimpo de Maria Bonita, um dos maiores do país e que recebeu inúmeros garimpeiros expulsos de Serra Pelada - suas terras estão sendo demarcadas.

- Reserva Kararaô - com área delimitada de 224 mil ha, ainda não demarcada. Possivelmente será alagada quando da construção do complexo hidroelétrico do Xingú - (20,6 milhões de KW). Serão inundadas ainda terras dos MetuKtire (Jarina e Kapoto) e dos índios ParaKanã.

- Reserva XiKrin do Bacajá - com 192.125 ha demarcados desde 1976 e constantemente invadidos por madeireiras.

- Reserva XiKrim do Cateté - com 402.300 ha demarcados erroneamente em 1978 - a partir de decreto da FUNAI de 1977 - contestado pelos índios na época. Vizinha ao norte do Projeto Carajás.

- Reserva MeKranoti - ao oeste do Xingú, abriga os MeKranoti, Baú, PuKanú, Xixé e Iriri-Novo. Com aproximadamente 780 mil ha, ainda não demarcados, sofre invasões de madeireiras e garimpos ao norte e oeste. (Povos indígenas do Brasil - CEDI - 1984) (Mapa 2)

Diante dos constrangimentos sofridos, os Kayapô articulam-se internamente na tentativa de fazer valer seus direitos, passando, inclusive, a usar os rádio-transmissores instalados nos postos indígenas da região para a intercomunicação, facilitando as formas de resistência coletiva. Reuniões de lideranças têm-se realizado nos últimos anos. Os conflitos com as frentes de expansão da sociedade nacional passam a ser travados com o apoio dos vários grupos, e não mais isoladamente. -Constantes pressões vêm sendo exercidas pelos Kayapô sobre a FUNAI e o governo na tentativa de resolver os seus problemas.

A situação é grave e outros fatores, como o projeto de construção do complexo hidroelétrico do Xingú - Iriri - Curuá , planejado pela Eletronorte, e a instalação da lavra mecânica em suas terras, ameaçam ainda mais o povo Kayapô.

#### 4 - O Caso MetuKitire

Os MetuKitire, ou TxuKarramãe, grupo chave na elaboração e desenvolvimento deste projeto, provêm de uma cisão dos MeKranoti, ocorrida nos anos 50. Após diversas migrações, entre o sudeste e o sudoeste do Pará, estabeleceram-se às margens do rio Jarina, no norte de Mato Grosso, onde foram contatados pelos irmãos Villas-Boas em 1953.

A partir de 1961 passaram a viver no interior do Parque Nacional do Xingu, erguendo a aldeia Porori, ao norte do parque. Em 1970 o governo anunciou a construção da BR-080, que atravessaria o P.N.X. Decidiu-se que a área ao norte da estrada deixaria de pertencer ao parque, sendo o território perdido compensado com acréscimos aos seus limites meridionais. Os Villas-Boas resolveram então atrair os MetuKtire do Porori para baixo da estrada. Nesta mesma época, já em 1972, ocorreu um conflito entre os grupos de Krumare e Raoni, chefes principais da tribo. O Porori foi abandonado, tendo Raoni aceito a orientação dos Villas-Boas, estabelecendo-se logo abaixo da BR-080 (aldeia Kretire) e Krumare migrado mais para o norte, até as margens do rio Jarina, onde construiu a aldeia de mesmo nome. Este grupo deixou, logo depois,

de ter a assistência da FUNAI, e durante a construção da estrada seria vitimado por duas sérias epidemias de gripe. Em seguida, seu território passou a ser sistematicamente violado e mesmo loteado (margem leste do Xingu).

Seguem-se escaramuças entre as novas fazendas e as tribos de Krumare e Raoni. No início de 1976, a Agropexim, estabelecida com a anuência da FUNAI no Kapoto foi por eles atacada. A notícia vem à tona em 1977, e a partir daí os MetuKtire começam a se fazer mais conhecidos pela opinião pública nacional.

Finalmente, em 1980, o conflito assume novas proporções com a morte de 11 peões que abriam a mata na margem direita do Xingu, área denominada pelos índios de Jarina, a mando dos fazendeiros da região. A zona em questão fora loteada ilegalmente pelo estado de Mato Grosso com o beneplácito da FUNAI, que emitira certidões negando a presença de índios na área.

O fato gera polêmicas infundáveis. Setores interessados no franqueamento definitivo das terras indígenas pedem a emancipação e a punição dos índios. Estes passam a exigir com maior ênfase a demarcação de toda a antiga área ao norte da BR-080. Após quatro anos de negociações infrutíferas, promessas não cumpridas e tapeações diversas, os MetuKtire sequestraram a balsa que permite a travessia do Xingú pelos veículos que trafegam na estrada. Diante da reação manifestada pelas autoridades competentes, que se recusaram a negociar, os MetuKtire, já agora aliados a outras tribos estabelecidas no Parque Indígena do Xingú, como os Kayabi, Suyã e Juruna, prenderam alguns funcionários da FUNAI que trabalhavam no parque. Após quarenta dias de impasse, fartamente acompanhados pela mídia impressa e televisada, o governo brasileiro, através do Ministério do Interior, aceitou a reivindicação indígena: voltava a pertencer ao PIX a área de Jarina (desfalcada, porém, de 25 dos 40 quilômetros originais à margem direita do Xingú) acrescida do Kapoto. (Mapa 3). Além disso, Megaron, uma das lideranças MetuKtire ligadas ao grupo de Raoni, assumiu a direção do PIX, fato inédito que inaugura uma nova fase na política indigenista brasileira, com a presença de índios na administração e gestão de seus problemas.

Ainda em 1984 os MetuKtire participaram ativamente da luta pela demarcação das terras dos Apynagé, tribo Gê do norte de

Goiás, tendo Raoni e parte dos seus deslocado-se até a região. Na verdade, já há algum tempo eles vinham articulando formas de resistência comum com outros grupos indígenas, através de contatos feitos pessoalmente ou pelo rádio. Recentemente, durante a crise envolvendo o garimpo de Maria Bonita e os Gorotire, as lideranças MetuKtire mantiveram uma postura ativa, intervindo diretamente nos acontecimentos.

Em maio do presente ano, os grupos de Krumare e Raoni, após 16 anos de separação, resolveram unificar-se. Raoni procurava fugir da influência deletéria causada pela proximidade de sua aldeia à BR-080. Ao mesmo tempo, a unificação oferece óbvias vantagens do ponto de vista político, assegurando a posse de Jarina e Kapoto. As duas tribos, totalizando 380 índios, juntam-se no Pi-um (nome provisório), aldeia situada próxima ao rio Jarina e a mais de cinco horas - por barco - da estrada. Segundo as suas lideranças, planeja-se retomar várias das antigas tradições, acelerar o crescimento demográfico e construir novamente uma grande aldeia Kayapõ. (Mapa 3)

O PROJETO

## OBJETIVOS

Os objetivos aqui propostos partem do acompanhamento em vídeo de um importante período da história MetuKtire, a reunificação das aldeias de Kretire a Jarina. O material resultante, realizado com a participação direta dos índios, deverá ser, principalmente, um instrumento de divulgação e memória das questões indígenas. Fazem parte do projeto os seguintes itens:

- 1 - Documentação
  - Registro da construção da nova aldeia MetuKtire e do movimento da reunificação.
  - Registro da história do contato com a sociedade nacional, da pacificação aos dias atuais, através das versões dos índios e dos pacificadores.
  - Gravação das histórias míticas no idioma Kayapó - prevendo-se versões legendadas - e das festas que ocorrerão a partir da construção da nova aldeia.
  - Edição e preservação do material vídeo-fotográfico.
- 2 - Programa de intercâmbio.
  - Exibição de filmes e programas abordando assuntos de interesse dos índios.
  - Circulação do material realizado com os MetuKtire pelas demais aldeias Kayapó.
  - Gravação de depoimentos prestados pelos líderes Kayapó das aldeias visitadas abordando a sua atual situação.
- 3 - Programa de divulgação.
  - Montagem de um vídeo destinado a divulgar os problemas indígenas dentro da sociedade nacional.
  - Transcrição e publicação dos principais depoimentos sobre a história do contato dos MetuKtire com a civilização.

- Acompanhamento escrito da evolução dos trabalhos, destinado à publicação posterior.
- 4 - Capacitação técnica.
- Formação de um grupo de índios, escolhido pelos MetuKtire, a ser gradativamente habilitado a operar e conservar equipamentos de VT.
  - Apoio às lideranças Kayapó na obtenção e instalação dos referidos equipamentos.
- 5 - Projeto Kayapó.
- Durante a circulação pela área Kayapó, pretende-se dar início à elaboração de um projeto nos mesmos moldes que o atual, envolvendo o resgate da história dessa tribo e o acompanhamento detalhado da sua atual situação, através da utilização do vídeo tape.

#### PROGRAMAÇÃO DE TRABALHO

O desenvolvimento do projeto ocorrerá dentro do ritmo e disponibilidade dos MetuKtire. Estão previstos dois deslocamentos até seu território durante os próximos dez meses, totalizando cem dias de estada na área indígena.

O primeiro deles destina-se a acompanhar os momentos finais da construção da nova aldeia, entre meados de setembro e fins de outubro. Durante os primeiros meses da próxima estação seca, de maio a julho de 1986, ocorrerão uma série de ritos e festas importantes para os MetuKtire, entre os quais destaca-se o Bemp (cerimônia de imposição de nomes) e a nossa permanência entre eles nesta época já está acertada. Em seguida, os vídeos produzidos circularão pela área Kayapó conduzidos pela equipe e parte das lideranças MetuKtire, ocasião em que será suscintamente registrada a situação das tribos visitadas diante das frentes de expansão da sociedade nacional e estabelecidos contatos a fim de elaborar um projeto inteiramente dedicado à região.

A fim de ampliar a divulgação de informações sobre a história e o momento vivido pelos MetuKtire-Kayapó, serão transcritos os principais depoimentos registrados. O desenvolvimento de todo o projeto será acompanhado de uma análise escrita sobre a evolução dos trabalhos e a realidade dos povos indígenas que ele abrange.

Ao longo da nossa próxima estada na aldeia Txucarramãe daremos continuidade à programação de vídeo já desenvolvida durante a primeira viagem. Dela constarão: filmes e programas sobre a situação de outros grupos indígenas; o material que vier a ser gravado pela equipe e pelos MetuKtire; a versão de Orlando Villas-Boas sobre a pacificação e a história recente da tribo.

A formação de um grupo de índios destacado pela comunidade para aprender a operar e a conservar o equipamento, ocorrerá paralelamente às atividades de gravação descritas, de modo a que o aprendizado realize-se através do trabalho sobre a própria realidade do grupo.

A documentação pretendida compreende uma parte em fotografia (slides e papel) e outra em vídeo. Optamos por equipamentos de VT no formato VHS, devido a sua agilidade operacional e aos baixos custos apresentados. Os aprimoramentos atuais permitem manter a qualidade técnica das gravações em VHS, possibilitando uma perfeita edição e divulgação das mesmas. Estão previstas cópias em 3/4 de polegada (formato U-Matic), que recebendo o devido tratamento tornar-se-ão matrizes de segurança destinadas à preservação.

A instalação de equipamentos de gravação e reprodução de vídeo, solicitada pela comunidade, na aldeia nova, depende das gestões promovidas pela direção do Parque Indígena do Xingu, onde ela está situada, com a finalidade de obtê-lo por doação. O projeto aqui exposto poderá servir como substrato a essas negociações. Caso, porém, esta parte do projeto se mostre inviável, não ficam prejudicados os seus demais objetivos.

Todo o material vídeo-fotográfico que vier a ser produzido será propriedade dos MetuKtire.

## CONSIDERAÇÕES GERAIS

A importância do presente projeto deriva, antes de tudo, da sua vinculação aos interesses da comunidade indígena que ele abrange. O registro do processo de reunificação e de todas as fases de construção da nova aldeia MetuKtire, bem como da história do contato inter-étnico, da mitologia Kayapó e dos próximos ritos e celebrações, faz parte de um programa de preservação de memória e de divulgação. Em função do largo espaço de tempo coberto pelo projeto e da maneira com que se desenvolverão os trabalhos, o vídeo resultante será um documento vivo sobre a história dos MetuKtire, servindo como instrumento de sensibilização da opinião pública. Atendem à mesma finalidade a transcrição da versão dos índios sobre o contato com a civilização e o acompanhamento escrito dos trabalhos realizados, ambos destinados à publicação.

Há que destacar a utilidade que o programa de intercâmbio poderá desempenhar no momento em que os Kayapó rearticulam-se politicamente. Diante da gravidade da situação que enfrentam, resistindo ao flanco mais importante das frentes de expansão mineral e agro-industrial, as formas de resistência coletiva assumem uma dimensão especial.

A capacitação técnica, envolvendo a formação de um grupo de índios aptos a operar e conservar equipamentos de VT, e a instalação dos mesmos na região, atende aos líderes da comunidade, interessados em determinadas aplicações - especialmente as educacionais e políticas - do vídeo tape. Por outro lado, possibilita um trabalho conjunto mais estreito e, certamente, mais profundo, o que se refletirá na qualidade do resultado final.

O papel destacado que os MetuKtire têm desempenhado em vários acontecimentos envolvendo sociedades tribais - não apenas Kayapó - e frentes de expansão brasileiras, o movimento de afirmação cultural e política que empreendem nesse momento; a situação vivida pelas tribos indígenas do Brasil, associada às particularidades de conjuntura política nacional (fim do regime militar, preparação da Constituinte, anúncio da reforma agrária), permitem antever o valor do projeto proposto, comprometido com a sobrevivência de uma importante etnia existente no país.